Revista Cristã
Última Chamada

Os incríveis paralelos entre o **Apocalipse** e **Flávio Josefo!**

César Francisco Raymundo

Escatologia como você nunca viu...

Fim dos tempos

Últimos dias

Fim do Mundo

Preterismo

Volta de Jesus

Profecia

Arrebatamento

Escatologia em geral

Apocalipse

Você encontra no mais completo portal sobre preterismo parcial e pós-milenista...

Revista Cristã
Última Chamada

www.revistacrista.org

Os incríveis paralelos entre o **Apocalipse** e **Flávio Josefo!**

César Francisco Raymundo

Revista Cristã_____
Última Chamada
- Edição extra de Outubro de 2017 -

_____

Os incríveis paralelos entre o Apocalipse e Flávio Josefo!
Autor: César Francisco Raymundo

Revista Cristã Última Chamada
- Edição extra de Outubro de 2017 –

Capa: César Francisco Raymundo

_____

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Outubro de 2017
Londrina, Paraná,

Índice

Sobre o autor **07**

Introdução
O estudo do Apocalipse em paralelo com as obras de Josefo 08

Capítulo 1
A Revelação de Jesus Cristo **10**

As sete igrejas da Ásia 18

Capítulo 2
Apocalipse 5 e 6 **20**

A fome em Jerusalém 21

O reconhecimento da chegada da ira do Cordeiro 22

O sexto selo 24

O sétimo selo 26

A "grande montanha ardendo em chamas" 28

Capítulo 3
Apocalipse 9-11 – os gafanhotos e as duas testemunhas **33**

Os quatro anjos que se encontram atados junto ao grande rio Eufrates 37

As Duas testemunhas de Apocalipse 38

Capítulo 4
Apocalipse 12 – os cristãos fogem para a cidade de Pella **44**

"E a grande cidade se dividiu em três partes..." 46

"O flagelo da chuva de pedras..." 46

Capítulo 5
Apocalipse 21-22 – o novo céu e a nova terra **48**

Conclusão **52**

Bibliografia **54**

Obras importantes para pesquisa... **57**

Patrocine esta obra **60**

Sobre o autor

César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976 na cidade de Londrina - Estado do Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos treze anos de idade. Na década de noventa passou a ser membro da igreja Presbiteriana do Brasil daquela cidade. Tem desenvolvido diversos trabalhos entre eles livros, folhetos e revistas visando a divulgação da Boa Nova da Salvação em Cristo para o público em geral. Atualmente, se dedica intensamente ao estudo, especialização, divulgação e produção de material didático a respeito do Preterismo Parcial e Pós-milenismo, para que tal mensagem seja conhecida como um caminho verdadeiramente alternativo contra a escatologia falsa e pessimista que recebemos por tradição em nossas igrejas.

Introdução
O estudo do Apocalipse em paralelo com as obras de Josefo

O estudioso do Apocalipse Geoff Wright, escreveu o seguinte em seu e-book *"The Revelation of Flavius Josephus"*:

> "Estive estudando o livro de Apocalipse há muitos anos, mas não foi até que eu li as obras de Flávio Josefo que percebi que ele havia escrito sobre o mesmos eventos descritos em Apocalipse. Algumas das descrições de Josefo dos acontecimentos durante a guerra judaica contra os romanos combinam perfeitamente com as visões de João que ele recebeu do mensageiro de Jesus. Você pode ter ouvido falar da "teoria do manuscrito baralhado", que certamente parece ser possível com 1ª e 2ª Coríntios, mas acredito que essa teoria poderia também se aplicar ao Apocalipse porque nem todos os capítulos ou visões que João viu podem ser consecutivos. [...] Os outros capítulos também são revisões das perspectivas diferentes dos anos 66-70 d.C. e acredito que Jesus deu a João estes para que os destinatários do livro fossem capazes de deduzir o simbolismo usado".[1]

Assim como Geoff Wright, eu também pude notar impressionantes paralelos entre o Apocalipse e as obras do historiador judeu Flávio Josefo. Mas, isto só foi possível, depois que conheci o Preterismo. Quando estudamos o Apocalipse do ponto de vista do futurismo, ficamos descontextualizados do contexto histórico do livro, e assim, a

tendência é desconhecermos a real visão de João no primeiro século. A maioria esmagadora dos cristãos de hoje não sabem, mas a mensagem do Apocalipse é o retorno de Jesus nos anos 66-70 d.C. para orquestrar a guerra dos romanos contra os judeus incrédulos.

Não tenho dúvidas de que ler este e-book trará grandes surpresas ao leitor, ao mesmo tempo que o desafiará em suas crenças recebidas por tradição em seu sistema religioso.

Capítulo 1
A Revelação de Jesus Cristo

> "Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer e que ele, enviando por intermédio do seu anjo, notificou ao seu servo João, o qual atestou a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo, quanto a tudo o que viu".
>
> (Apocalipse 1:1-2)

Logo de início, esses versículos de abertura mostram que a revelação de Jesus Cristo tinha relação direta com os cristãos do primeiro século da era cristã. Ao invés de ser enigmático, o objetivo do Apocalipse era para ser claro e entendido que os acontecimentos se dariam no futuro próximo dos primeiros leitores e as advertências serviriam para os judeus incrédulos em Jerusalém e em toda a região do Império Romano. A palavra grega *en taxei* traduzida como "em breve" já nos diz no primeiro verso que os eventos apocalípticos seriam iminentes, perto dos primeiros leitores e ouvintes do livro. Não é possível interpretar a palavra grega *taxei* como que significando que o tempo do cumprimento do Apocalipse se daria milhares de anos mais tarde, mesmo porque as evidências são poderosas para um cumprimento no primeiro século da era cristã. Devemos lembrar também que o indicador de tempo "em breve" é revelado no capítulo 1 de Apocalipse, que é uma seção didática e não cercada de simbolismos, e por isto, João

não estava tratando do "em breve" de uma maneira simbólica ou mística.

Alguns estudiosos preteristas afirmam que é possível que o apóstolo João teve essas visões no ano 43 d.C., e "os eventos que ele viu sobre os aflições e as pragas foram completadas até o ano 70 d.C. No entanto, os capítulos 21 e 22 têm eternas consequências para cristãos e incrédulos"[2] de todas as eras.

> "Bem-aventurados aqueles que leem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo".
>
> (Apocalipse 1:3)

A frase traduzida como "pois o tempo está próximo" é no grego γαρ καιρος εγγυς (gar kairós engus). Esta frase expressa a proximidade de que o tempo marcado está próximo. A palavra *engus* pode ser encontrada em João 2:13, onde se diz que estava "próxima a Páscoa dos judeus". Portanto, somente a imaginação fértil diria que as palavras do Apocalipse estariam para se cumprir milhares de anos num futuro distante dos dias de João. Para quem gosta de usar o Salmo 90:4 que diz que "mil anos, aos teus olhos, são como o dia de ontem que se foi e como a vigília da noite", para tentar fundamentar que o tempo de Deus é diferente do tempo humano, a própria Bíblia desmente tal ideia quando nos mostra que Deus de fato respeita as medidas de tempo humanas no seu trato com os homens.

Veja em Daniel 8:26 que quando Deus diz que algo é "distante" ou "em breve", a profecia de fato será cumprida no tempo e na medida humana:

> "A visão da tarde e da manhã, que foi dita, é verdadeira; tu, porém, preserva a visão, porque se refere **a dias ainda mui distantes**".
>
> (o grifo é meu)

Em outra ocasião eu escrevi que o livro do profeta Daniel foi escrito por volta do ano 536 a.C. e suas predições demoraram mais ou menos

344-558 anos para começarem a se cumprir. O anjo considerou essa quantia de tempo como "dias ainda mui distantes". Por mais de uma vez o anjo falou para Daniel nesses termos, indicando que a distância do cumprimento da profecia nada tinha a ver com os seus contemporâneos:

> "Tu, porém, Daniel, **encerra as palavras e sela o livro, até ao tempo do fim**; muitos o esquadrinharão, e o saber se multiplicará".
>
> "Eu ouvi, porém não entendi; então, eu disse: meu senhor, qual será o fim destas coisas? Ele respondeu: Vai, Daniel, porque **estas palavras estão encerradas e seladas até ao tempo do fim**".
>
> (Daniel 12:4, 8-9 – o grifo é meu)

Em oposição ao que foi dito a Daniel, a João, o anjo dá uma ordem diferente:

> "Disse-me ainda: Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo".
>
> (Apocalipse 22:10)

Uma vez que o anjo considerou necessário o selamento das palavras dadas a Daniel, porque a profecia demoraria pelo menos cinco séculos para se cumprir, quanto mais podemos dizer que a profecia de João estava próxima de seus primeiros ouvintes, uma vez que era para ele não selar o livro. O fato de não selar o livro indica que a profecia tinha tudo a ver com os seus primeiros ouvintes – o que não encontramos no livro de Daniel.

> "João, às sete igrejas que se encontram na Ásia, graça e paz a vós outros, da parte daquele que é, que era e que há de vir, da parte dos sete Espíritos que se acham diante do seu trono e da parte de Jesus Cristo, a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos e o Soberano dos reis da terra".
>
> (Apocalipse 1:4)

Um dos motivos pelo qual João escreveu específica e diretamente para as sete igrejas da Ásia, é porque ele deveria estar envolvido diretamente com essas igrejas. Alguns afirmam que muito provavelmente naquela época em que João escreveu, deveria haver apenas sete igrejas existentes na Ásia. A frase "os reis da terra" é uma referência aos reis do Império Romano, como também pode simbolizar as autoridades da terra de Israel. Isto não significa que a Soberania de Cristo estivesse limitada a esses reis, mas é que dentro do contexto do Apocalipse eles eram a força dominante que foi usada por Deus para causar o juízo sobre os judeus incrédulos.

> "...e da parte de Jesus Cristo, a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos e o Soberano dos reis da terra. Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados, **e nos constituiu reino, sacerdotes** para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!".
>
> (Apocalipse 1:5-6 – o grifo é meu)

A parte grifada acima é uma citação de Êxodo 19:6 que diz: "...vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel". Frase semelhante também aparece em Isaías 61:6: "Mas vós sereis chamados sacerdotes do SENHOR, e vos chamarão ministros de nosso Deus; comereis as riquezas das nações e na sua glória vos gloriareis". Os termos "sacerdotes" e "reino" antes pertencentes a nação de Israel, agora pertencem a igreja, pois Jesus disse aos escribas e fariseus que "o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos" (Mateus 21:43).

> "Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém!".
>
> (Apocalipse 1:7)

Segundo Kenneth L. Gentry "João retrata sua declaração temática de acordo com o imaginário apocalíptico, declarando: Cristo "vem com as nuvens" (Ap 1.7). E, embora isso soe como a segunda vinda, e ainda que esse glorioso acontecimento ocorrerá de forma literal "com as nuvens", descobrimos que esse tipo de linguagem pode ser usado como símbolo dos juízos históricos divinos diferentes da segunda vinda. Qualquer um que leia o Apocalipse reconhece de imediato que João trabalha com um imaginário estranho [...]. Esse imaginário deve ser entendido muitas vezes como algo simbólico. Creio que isso também seja verdade aqui no versículo temático. Observemos apenas dois exemplos de imaginário apocalíptico usado para descrever acontecimentos históricos.

Encontramos em Isaías 19 um alerta ao Egito do Antigo Testamento. Nessa profecia, Deus ameaça aquela nação antiga com o juízo, um julgamento que se tornou realidade quando o rei assírio Esar-Hadom conquistou o Egito em 671 a.C. Todavia, observe a linguagem empregada por Isaías:

> Sentença contra o Egito. Eis que o SENHOR, cavalgando uma nuvem ligeira, vem ao Egito; os ídolos do Egito estremecerão diante dele, e o coração dos egípcios se derreterá dentro deles. (Is 19.1)

A profecia se aplica com clareza ao Egito. E, com a mesma clareza, ela alega que o Senhor "vem" ao Egito. Mas nenhum intérprete crê que os egípcios viram o Deus todo-poderoso assentado em uma nuvem e descendo sobre eles em juízo.

Em Mateus 26, o próprio Senhor Jesus usa essa linguagem para falar do juízo contra Israel no ano 70 d.C.:

E, levantando-se o sumo sacerdote, perguntou a Jesus: Nada respondes ao que estes depõem contra ti? Jesus, porém, guardou silêncio. E o sumo sacerdote lhe disse: Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus. Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste; entretanto, eu vos declaro que, desde agora, vereis o

Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu. (Mt 26.62-64)

O versículo 64 é similar ao de Apocalipse 1.7:

"… vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu".

E note que ele se refere ao sumo sacerdote e às pessoas reunidas ao redor dele: "[Vós] vereis". Isso deve ser uma referência ao juízo em 70 d.C., profetizado em vários lugares por Jesus (veja em particular Mt 21.33,34; 22.1-7; 24.1-34) e testemunhado por muitos dos que se posicionaram contra Cristo naquele dia.

Assim, Apocalipse 1.7 pode ser aplicado ao julgamento histórico que recaiu sobre Israel em 70 d.C. Nada na Escritura proíbe essa interpretação apocalíptica. À medida que as evidências se acumulam, seremos dirigidos a essa exata conclusão".[3]

O Salmo 104:3 diz que Deus "pões nas águas o vigamento da tua morada, tomas as nuvens por teu carro e voas nas asas do vento". Essas palavras de Deus vindo em juízo nas nuvens tem um paralelo interessante com a obra de Josefo, veja:

> "Um pouco depois da festa, a vinte e sete de maio aconteceu uma coisa que eu temeria relatar, de medo que a tomassem por uma fábula, se pessoas que também a viram, ainda não estivessem vivas e se as desgraças que se lhe seguiram não tivessem confirmado a sua veracidade. Antes do nascer do sol viram-se no ar, em toda aquela região, carros cheios de homens armados, atravessar as nuvens e espalharem-se pelas cidades, como para cercá-las".[4]

A seguir, compare as palavras de Josefo com as de Jesus:

> "Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados.
>
> Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão **e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória**".
>
> (Mateus 24:29-30 – o grifo é meu)

Embora muitos procurem interpretar de maneira literal, as palavras que Jesus usou é uma linguagem simbólica que os judeus entendiam muito bem – o que vimos acima nos comentários de Gentry. Nós dos tempos modernos é que temos dificuldade de aceitar o simbolismo usado. Portanto, ao estarem habituados com a ideia de Deus vir em juízo com as nuvens do céu, foi muito significativo para os judeus daquela época quando tiveram a visão de "carros cheios de homens armados", atravessando "as nuvens" e espalhando-se "pelas cidades, como para cercá-las". Tanto que foi significativo que o próprio Josefo descreve sobre "as desgraças que se lhe seguiram não tivessem confirmado a sua veracidade", ou seja, as desgraças que caíram posteriormente em Jerusalém confirmam a "veracidade" da visão, como claro indicativo de juízo. Isto confirma tudo o que vimos até agora sobre a vinda de Deus nas nuvens, em juízo contra um povo.

E não foi somente Josefo que relatou a visão. Um romano chamado Publius Cornelius Tacitus (55 à 120 d.C.), que não era cristão nem Judeu e nem estava interessado em defender lado nenhum, escreveu:

> "Haviam acontecido vários prodígios em que esta nação, que é muito suscetível a superstições (mas que no entanto odiava todos os rituais religiosos) não considerou legítimo fazer a expiação através de ofertas e sacrifícios.
>
> Haviam sido vistos exércitos participando de uma batalha nas nuvens, o fulminante brilho das armas, o templo iluminado por uma repentina radiação que vinha das nuvens".[5]

Junto a ideia de Cristo vir nas nuvens do céu, temos a questão do colapso do sol, da lua e das estrelas. O sol, a lua e as estrelas

simbolizava tanto o sumo sacerdote, como as autoridades judaicas e seus comandos. O fato deles apagarem e caírem significa o colapso total da nação. Quando o sol e a lua escurecem e as estrelas caem é porque os líderes, os sacerdotes e os governantes da nação estão "caindo" e, por consequência, o povo é derrotado e humilhado. Os primeiros discípulos de Jesus reconheceram essa linguagem imediatamente.

Antes de prosseguir, eu gostaria de fazer um alerta para dois grupos de leitores que virão a ler este e-book. O primeiro grupo é o daqueles zombadores dispensacionalistas (sem generalizações, pois nem todos são zombadores). Entre eles destaco o dispensacionalista Randall Price que escreveu alguns absurdos contra a interpretação preterista da profecia bíblica, que muito provavelmente serão repetidos por muitos leitores aqui. Veja a seguir algumas declarações de Randall Price sobre o Preterismo:

> "Todavia, o Preterismo, que força a interpretação da maioria dos textos proféticos, principalmente daqueles que se referem à destruição de Jerusalém, para que seu cumprimento se encaixe nos acontecimentos relativos à Primeira Revolta Judaica, considera a destruição do povo judeu como o elemento central da profecia".[6]
>
> "Em muitos casos, podem ser feitas apenas "correlações" baseadas na interpretação escatológica tendenciosa [dos escritos] do historiador judeu Flávio Josefo, que viveu no primeiro século, tais como:
>
> 1) Associar os sinais divinos com a iminente conquista pelo exército romano;
>
> 2) Reinterpretar o texto a fim de ajustá-lo aos detalhes históricos preferidos como, por exemplo, **dizer que "as nuvens do céu" significam a nuvem de poeira levantada pelo avanço das tropas romanas**...".[7]
>
> (o grifo é meu)

Como eu conheço a matéria a fundo, posso dizer com autoridade que o Preterismo **NÃO** "força a interpretação da maioria dos textos proféticos", como também **NÃO** faz "correlações" baseadas na interpretação escatológica tendenciosa [dos escritos] do historiador judeu Flávio Josefo". Se levarmos a sério o que Randall escreveu, com toda a segurança o mesmo pode ser dito do Dispensacionalismo e suas loucas especulações diretas das notícias dos jornais. Sobre a questão das "nuvens do céu" significando "a nuvem de poeira levantada pelo avanço das tropas romanas", este foi o maior absurdo que vi escrito contra o Preterismo em quase uma década de estudos sobre o mesmo. Randall ainda deve uma explicação de onde ele tirou tal absurdo.

O segundo grupo que destaco é o dos crentes reformados. Alguns reformados, por causa do *Sola Scriptura*, tendem a rejeitar os relatos de Josefo e de outros da época do primeiro século. Ora, por mais que sejam uma fonte extra bíblica, os relatos de Josefo e de outros são importantes para que possamos ver como as coisas de fato aconteceram. Eles de fato foram testemunhas oculares e os acontecimentos quer sobrenaturais ou não que foram citados, eram de conhecimento público. Por isto, sugiro aos crentes reformados que usufruam da benção que Deus nos proporcionou, ao nos permitir que soubéssemos com detalhes fora da Bíblia como se deu o cumprimento das profecias de Jesus. Uma vez que Ele disse que o cumprimento seria naquela geração do primeiro século (Mateus 24:34), obviamente é uma questão de lógica que os acontecimentos fossem registrados para a posteridade, e nos seriam úteis para entender os acontecimentos na igreja primitiva.

As sete igrejas da Ásia

> "...dizendo: O que vês escreve em livro e manda às sete igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia".
>
> (Apocalipse 1:11)

O público alvo de João está aqui claramente definido. Essas sete igrejas da Ásia eram comunidades do tempo de João, e não sete períodos da igreja como querem muitos intérpretes. Portanto, o apóstolo João escreve para igrejas que ele conhecia, dando ênfase as suas circunstâncias históricas peculiares. Como diz Gentry "devemos nos colocar de fato no lugar do público originário para sentir a plena força do seu ensino"[8] no Apocalipse. A respeito dessas sete igrejas da Ásia, "não apenas conhecemos essas cidades a partir de fontes antigas, mas até sabemos que a ordem de seu aparecimento no Apocalipse segue uma rota postal romana conhecida. Essas são cidades históricas que contêm igrejas históricas do século I".[9]

Muito poderia ser escrito sobre as peculiaridades de cada uma dessas sete igrejas da Ásia, mas, todavia, o ponto que acredito ser necessário aqui e importante para nós, é a contextualização do livro do Apocalipse. João escreveu especificamente para um público do primeiro século da era cristã, a partir de sete igrejas que estavam dentro de uma rota postal romana e, por isto, a mensagem se espalharia rapidamente para todo o Império Romano. A mensagem comum as sete igrejas da Ásia é a promessa do breve retorno de Jesus para punir os judeus incrédulos, e isto, traria consequências em toda o Império Romano (Apocalipse 3:10). Se assim não entendermos, jamais compreenderemos plenamente as mensagens nas cartas enviadas para as sete igrejas.

Capítulo 2
Apocalipse 5 e 6

> "Então, vi, no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro como tendo sido morto. Ele tinha sete chifres, bem como sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados por toda a terra".
>
> (Apocalipse 5:6)

Josefo escreveu:

> "Em frente à mesa, do lado sul, havia um candelabro de ouro não maciço, mas oco por dentro, que pesava cem minas, as quais os hebreus chamam sincares, que perfazem dois talentos áticos. O candelabro era adornado com pequenos corpos redondos: lírios, maçãs, romãs, pequenas taças, em número de setenta, que se elevavam desde o alto da haste até o alto dos sete braços de que se compunha e cujo número se referia aos sete planetas. Esses sete ramos eram simétricos. No alto de cada um, havia uma lâmpada, e todas elas estavam voltadas para o oriente e para o sul".[10]

Tudo o que estava no templo físico em Jerusalém era uma sombra do que estava por vir.

A fome em Jerusalém

> "E ouvi uma como que voz no meio dos quatro seres viventes dizendo: Uma medida de trigo por um denário; três medidas de cevada por um denário; e não danifiques o azeite e o vinho".
>
> (Apocalipse 6:6)

Temos aqui uma cena dos horrores provocados pela guerra romana-judaica. Uma "medida de trigo" era como se fosse à ração diária de uma pessoa. Sendo naquele tempo um denário a diária de um trabalhador, foi isto um preço muito alto, talvez, dez vezes acima do preço normal. Isto indica uma grave escassez de alimentos, como resultado da guerra. Por ser a fome uma das maldições prometidas por Deus para quem quebra a Sua aliança, os habitantes de Jerusalém foram aos poucos morrendo de fome.

Sobre Apocalipse 6:6, temos um paralelo impressionante com Flávio Josefo, veja a seguir:

> "Outros fugitivos, que eram pessoas da nobreza, afirmaram que o número dos pobres que tinham sido levados desse modo para fora da cidade, não era inferior a seiscentos mil. O dos outros, era incrível. E como por fim não se podiam transportar tantos corpos, era-se obrigado a lançá-los em grandes casas, das quais se fechavam as portas. **Um pacote de trigo valia um talento**, e depois da construção do muro que rodeava toda a cidade, os pobres, não podendo mais sair para procurar ervas, tinham sido reduzidos a tal extremo, que iam mesmo nos esgotos, procurar velho esterco de boi para comer e outras imundícies cuja vista somente causa horror. Os romanos não puderam ouvir falar de tantas misérias sem se sentir movidos à compaixão. Mas os revoltosos tudo viam sem se arrepender, de lhes terem eles sido a causa, porque Deus os cegava de tal modo, que eles não viam o precipício em que iam cair com toda aquela desgraçada cidade".[11]
>
> (o grifo é meu)

O reconhecimento da chegada da ira do Cordeiro

> "Os reis da terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos e todo escravo e todo livre **se esconderam nas cavernas e nos penhascos dos montes e disseram aos montes e aos rochedos**: Caí sobre nós e escondei-nos da face daquele que se assenta no trono e da ira do Cordeiro, porque chegou o grande Dia da ira deles; e quem é que pode suster-se?"
>
> (Apocalipse 6:15-27 – o grifo é meu)

Como vimos no capítulo 1, os reis da terra se referem aos romanos, como pode referir-se as autoridades judaicas – dependendo do contexto. Josefo relata angústia semelhante ocorrida na guerra contra Jerusalém. Preste atenção nas partes grifadas:

> "Suas tropas marcharam então para Betorom, sem que os judeus os atacassem, enquanto estavam em lugares espaçosos e descobertos, mas quando os viam em passagens estreitas e nas descidas, atacavam-nos pela frente, para impedir que avançassem, e pela retaguarda, para impeli-los ainda mais para os vales; onde, como eles ocupavam as elevações e eram em grande número, dizimavam-nos a golpes de flechas. A infantaria romana encontrava-se nessa situação, mas a cavalaria ainda estava em muito maior perigo, porque aquela grande quantidade de flechas impedia-lhe conservar as colunas na marcha, e aqueles **lugares difíceis e escarpados** não lhes permitiam enfrentar os inimigos. Por outro lado, como os judeus ocupavam **todos os rochedos e todos os vales**, os que pensavam ali **se refugiar**, eram logo mortos. Os romanos, vendo-se obrigados a não poder combater, nem fugir, **ficaram tão desesperados, que soltavam imprecações e uivos de raiva, bem como derramavam lágrimas de aflição**".[12]
>
> (O grifo é meu)

Esta derrota dos romanos foi necessária para que os cristãos pudessem escapar de Jerusalém. Os cristãos seguindo as ordens de Jesus, aproveitaram a oportunidade para sair da cidade, enquanto os judeus estavam perseguindo nas montanhas o exército romano comandado por Céstio Galo:

> "Quando, porém, virdes Jerusalém sitiada de exércitos, sabei que está próxima a sua devastação.
>
> Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que se encontrarem dentro da cidade, retirem-se; e os que estiverem nos campos, não entrem nela".
>
> (Lucas 21:20-21)

Certa vez, alguém questionou a interpretação preterista, ao perguntar:

> "Qual registro histórico que diz que os reis da terra, as autoridades e as pessoas comuns imploraram "aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós e escondei-nos... da ira do Cordeiro?"

O registro histórico são dois. O de Josefo citado acima em que ele cita as autoridades romanas em meio a "rochedos e vales", ficando "tão desesperados, que soltavam imprecações e uivos de raiva, bem como derramavam lágrimas de aflição", caso este que se contextualiza perfeitamente com a guerra judaica descrita em Apocalipse 6:15-27. O segundo registro histórico é citado pelo próprio Jesus. Observe o que Ele disse aos seus contemporâneos:

> "Seguia-o numerosa multidão de povo, e também mulheres que batiam no peito e o lamentavam.
>
> Porém Jesus, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai, antes, por vós mesmas e por vossos filhos!
>
> Porque dias virão em que se dirá: Bem-aventuradas as estéreis, que não geraram, nem amamentaram.
>
> **Nesses dias, dirão aos montes: Caí sobre nós! E aos outeiros: Cobri-nos!**

Porque, se em lenho verde fazem isto, que será no lenho seco?".
(Lucas 21:27-31 – o grifo é meu)

Os comentaristas concordam que Jesus refere-se ao que aconteceria em Jerusalém no ano 70 d.C. Por outro lado, não devemos esquecer da natureza simbólica do Apocalipse. Não é necessário que literalmente os reis da terra, só para citar um exemplo, estejam perdidos em lugares desertos em meio aos rochedos em lamentações. A ideia em Apocalipse é que o desespero seria muito grande em meio aos horrores da guerra, principalmente por ser um dia da ira do Cordeiro.

O sexto selo

"Quando ele abriu o quinto selo, vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam.

Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?

Então, a cada um deles foi dada uma vestidura branca, e lhes disseram que repousassem ainda por pouco tempo, **até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos que iam ser mortos como igualmente eles foram**.

(Apocalipse 6:9-11 – o grifo é meu)

O Senhor Jesus deixou claro que sobre os seus contemporâneos iria recair "todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o santuário e o altar" (Mateus 23:35). Na mesma ocasião, Ele também disse que: "Enchei vós, pois, a medida de vossos pais" (Mateus 23:32). Ao matarem o Filho de Deus os judeus daquela época cometeram o crime mais hediondo da história humana. Mas o Senhor garantiu que eles não parariam aí. Ele disse que "eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas. A uns matareis e crucificareis; a outros

açoitareis nas vossas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade" (Mateus 23:34).

Temos duas questões interessantes aqui. A primeira é que "a morte de Zacarias entre o santuário e o altar" completaria a medida dos pecados para o julgamento de Jerusalém. Embora muitos sem uma base sólida digam que essa morte aconteceu no Antigo Testamento, a história nos mostra que a morte de Zacarias, tal como Cristo a profetizou, aconteceu perto do fim de Jerusalém nos anos 66-70 d.C. Veja a seguir o que Josefo escreveu sobre o assunto:

> "Por fim, aqueles tiranos, cansados de derramar tanto sangue, fingiram querer observar alguma forma de justiça e tendo determinado **matar Zacarias, filho de Baruque**, porque, além de sua ilustre origem, sua virtude, sua autoridade, seu amor pelos homens de bem...
>
> [...]
>
> Assim permitiram a esses setenta juízes que se pronunciassem e não havendo um só deles que não preferisse se expor à morte do que ao remorso de ter condenado **um homem de bem**, pela maior de todas as injustiças, todos a uma só voz declaram-no inocente. Ao ouvirem tal sentença os zelotes soltaram um grito de furor. Sua raiva não pôde tolerar que aqueles juízes não houvessem compreendido, que o poder que lhes haviam dado era imaginário, e do qual não queriam que eles fizessem uso algum; dois dos mais ousados daqueles homens **atiraram-se sobre Zacarias e o mataram no meio do Templo**, insultando-o ainda, depois de morto...".[13]
>
> (o grifo é meu)

A seguir, vou comparar o relato de Josefo com as palavras de Cristo:

> "1. Cristo disse que Zacarias é filho de Baraquias. Josefo escreveu que Zacarias era filho de Baruque. O nome Baruque é uma forma abreviada de nomes como Baraquias e Baraquel.

2. Cristo disse que Zacarias seria morto "entre o santuário e o altar". Josefo escreveu que mataram Zacarias "no meio do Templo".

3. Cristo disse que "todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até ao sangue de Zacarias", seria pedido conta de seus contemporâneos. Ele acrescenta: "Assim, contra vós mesmos, testificais que sois filhos dos que mataram os profetas. Enchei vós, pois, a medida de vossos pais". (Mateus 23:31-32 - o grifo é meu)

Como Zacarias foi morto perto do fim de Jerusalém (anos 67-70 d.C.), pela ordem cronológica ele acabou por ser o último dos mártires, e assim, Jerusalém ao fazer mais um mártir "encheu" a "medida" dos pecados de seus antepassados. Isto está de acordo com Apocalipse 6:11 que diz: "Então, a cada um deles foi dada uma vestidura branca, e lhes disseram que repousassem ainda por pouco tempo, até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos que iam ser mortos como igualmente eles foram".[14]

O sétimo selo

"Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo, houve silêncio no céu cerca de meia hora".

(Apocalipse 8:1)

Os seis primeiros selos do capítulo 6 nos dão uma visão geral do que aconteceria quando fosse aberto o sétimo selo. A partir de então os sete anjos com as sete trombetas acabam por colocar em prática o juízo de Deus sobre a terra de Israel. O motivo da meia hora de silêncio no céu é porque Jesus foi ao templo físico para queimar o incenso que eram as orações dos santos. Josefo descreve este evento importante como um presságio para a guerra que estava prestes a começar:

"Relatarei aqui alguns desses sinais e dessas predições. Um cometa, que tinha a forma de uma espada, apareceu sobre Jerusalém, durante um ano inteiro. Antes de começar a guerra, o povo reunira-se, a oito

de abril, para a festa da Páscoa, e pelas nove horas da noite viu-se durante uma hora e meia em redor do altar e do Templo, uma luz tão forte que se teria pensado que era dia. Os ignorantes tiveram-na como um bom augúrio, mas os instruídos e sensatos, conhecedores das coisas santas, consideraram-na como um presságio do que depois sucedeu. Durante essa mesma festa uma vaca que era levada para ser sacrificada deu à luz um cordeiro no meio do Templo".[15]

•••••

"O primeiro anjo tocou a trombeta, e houve saraiva e fogo de mistura com sangue, e foram atirados à terra. Foi, então, queimada a terça parte da terra, e das árvores, e também toda erva verde".

(Apocalipse 8:7)

Sobre as árvores sendo queimadas, basta ler Mateus 7:19 em que Jesus disse que "toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo". O simbolismo das árvores e das ervas verdes refere-se as pessoas. No Salmo 37:1-2, o salmista escreveu:

"Não te indignes por causa dos malfeitores, nem tenhas inveja dos que praticam a iniquidade.

Pois eles dentro em breve definharão como a relva e murcharão como a erva verde".

Quarenta anos depois que Jesus falou com as multidões de judeus incrédulos, a cidade de Jerusalém foi queimada e destruída. Não somente as pessoas simbolicamente representadas por árvores, mas também na parte física, na vegetação literal, os romanos fizeram um grande estrago naqueles dias de guerra. Flávio Josefo nos conta em detalhes:

"Nem os romanos, fora da raiva que deu à luz a essa tentativa, deixaram de fora nem de noite nem de dia, queimando os lugares na planície, ou roubando o gado que estava no país, e matando tudo que parecia capaz de lutar perpetuamente, e levando as pessoas mais fracas como escravos para o cativeiro: para que a Galiléia fosse toda

preenchida com fogo e sangue; nem foi isenta de qualquer tipo de miséria ou de calamidade...".[16]

"Entretanto, os romanos em vinte e um dias terminaram as novas plataformas, não obstante a dificuldade em encontrar a madeira necessária para tal obra. Eles devastaram toda a região a oitenta estádios nos arredores de Jerusalém; **e jamais a terra ficou tão desfigurada. Onde outrora havia bosques e árvores frondosas, jardins deliciosos, não havia agora uma única árvore**, e não somente os judeus, mas os estrangeiros, que antes admiravam aquela formosa parte da Judéia, agora não seriam capazes de reconhecer, nem ver os maravilhosos arrabaldes daquela grande cidade, convertidos em terrenos abandonados e silvestres, sem que tão deplorável mudança os fizesse derramar lágrimas. Foi assim que a guerra de tal modo destruiu uma região tão favorecida por Deus, que já não lhe restava o menor vestígio de sua beleza antiga e podia-se perguntar em Jerusalém, onde então estava Jerusalém".[17]

(O grifo é meu)

A "grande montanha ardendo em chamas"

"O segundo anjo tocou a trombeta, e uma como que grande montanha ardendo em chamas foi atirada ao mar, cuja terça parte se tornou em sangue, e morreu a terça parte da criação que tinha vida, existente no mar, e foi destruída a terça parte das embarcações".

(Apocalipse 8:8-9)

A "grande montanha ardendo em chamas" é Israel sendo lançado ao "mar" das nações. Segundo alguns intérpretes, o mar estava fora do templo e a "criação que tinha vida" eram as facções lutando pelo controle. As embarcações eram as mansões e os palácios destruídos pelos zelotes. Josefo escreveu:

"Os chefes, os sacerdotes e a parte do povo que desejavam a paz receberam-nos e os hospedaram na cidade alta; a cidade baixa e o Templo foram ocupados pelos revoltosos. A guerra começou com arremesso de pedras e flechas e por vezes chegaram mesmo a combater corpo a corpo. Os revoltosos eram mais ousados, porém os soldados do rei tinham mais experiência na guerra. Todos os esforços destes visavam expulsar do Templo aqueles que o profanavam de maneira tão criminosa; e o objetivo de Eleazar e dos seus partidários era apoderar-se da cidade alta. Sete dias passaram-se dessa maneira, com grande mortandade de parte a parte, sem progresso algum".[18]

"Entretanto, chegou a festa a que chamam de xiloforia, durante a qual leva-se ao Templo uma grande quantidade de madeira para manter um fogo, que jamais se deve apagar; os revoltosos impediram aos seus adversários o cumprimento desse dever de piedade, ao qual sua religião obrigava. A eles havia unido um grande número daqueles assassinos, denominados sicários, por causa dos punhais que trazem escondidos sob as vestes; estes lançaram-se no meio do povo, obrigando os do lado do rei a ceder à sua ousadia e ao seu grande número, e a abandonar a cidade alta. Os amotinadores dela se apoderaram, puseram fogo na casa do sumo sacerdote Ananias e no palácio do rei Agripa e da rainha Berenice. Cercaram em seguida o arquivo dos atos públicos para queimar todos os contratos e as obrigações que lá estavam, trazendo assim ao seu partido todos os devedores, que não mais temiam atacar seus credores, porque não existiam mais os títulos em virtude dos quais eles os pudessem perseguir, e atiraram assim os pobres contra os ricos. Os que tinham esses títulos sob custódia fugiram e os revoltosos incendiaram todos os documentos, reduzindo a cinzas os títulos que bem se poderiam chamar do bem público e continuaram a perseguir seus inimigos.

Em tão horrível desordem, Ananias, sumo sacerdote, Ezequias, seu irmão, e alguns outros sacerdotes e homens ilustres de Jerusalém foram se esconder nos esgotos e os que tinham sido enviados ao rei Agripa retiraram-se para junto dos soldados daquele príncipe, no alto

do palácio do qual fecharam as portas. Os amotinadores, satisfeitos com a vitória e tantos incêndios, no momento, não foram além".[19]

Havia três facções lutando pelo controle de Jerusalém. Estas foram conduzidas por Eleazar, filho de Ananias, João de Giscala, e Simão, filho de Gioras:

"Esses três partidos opostos agiam uns contra os outros em Jerusalém, desta maneira: Eleazar e os seus, que tinham a custódia das primícias e das oblações santas, estando o mais das vezes embriagados, atacavam João. João fazia incursões contra Simão e contra o povo que o ajudava com víveres, contra ele e contra Eleazar. E se acontecia de ser atacado ao mesmo tempo por Eleazar e por Simão ele dividia suas forças, repelia a golpes de dardos de cima dos pórticos do Templo, os que vinham do lado da cidade e voltava suas máquinas contra os que lhe lançavam dardos dos lugares mais elevados do Templo; quando, porém, Eleazar os deixava em sossego, como acontecia frequentemente, por cansaço ou porque se entregavam à bebedeira, ele fazia muitas outras incursões contra Simão. Quando obrigavam os seus a fugir, ele incendiava as casas, onde podia entrar embora estivessem cheias de trigo e de outras provisões, e logo que se retirava, Simão, por sua vez, o perseguia. Assim eles destruíam o que havia sido preparado para se sustentar um assédio e que era como o nervo da guerra que lhes iria pesar sobre os ombros, como se estivessem conspirando em favor dos romanos, aos quais tornariam mais fácil apoderar-se daquela importante praça.

Para maior desgraça ainda tudo o que estava nas imediações do Templo foi queimado, com exceção de uma pequeníssima parte do trigo que tinha sido ajuntado, em tão grande quantidade, que teria sido suficiente para se sustentar o cerco durante vários anos e impedir a carestia que foi por fim, causa da queda da cidade. O mesmo incêndio reduziu a cinzas o que estava entre João e Simão, e o que se poderiam considerar como dois campos opostos tornou-se em um campo de batalha, sendo nossa pátria forçada a dar a culpa de tudo ao furor de seus filhos desnaturados, que eram a causa de sua ruína".[20]

•••••

> "O quarto anjo tocou a trombeta, e foi ferida a terça parte do sol, da lua e das estrelas, para que a terça parte deles escurecesse e, na sua terça parte, não brilhasse, tanto o dia como também a noite".
>
> (Apocalipse 8:12)

A facção de Eleazar foi atacada junto com os adoradores do exterior quando ele permitiu que eles entrassem no templo para a Páscoa no início do festa de pães ázimos. Josefo escreveu:

> "Os atos de hostilidade cessaram por momentos na parte exterior de Jerusalém e por isso recomeçou uma guerra no seu interior. A quatorze de abril, quando os judeus celebram a festa da Páscoa, em memória da libertação da escravidão do Egito, Eleazar mandou abrir a porta do Templo para receber as pessoas do povo que quisessem vir adorar a Deus. João serviu-se dessa ocasião para executar uma empresa que sua impiedade lhe havia sugerido. Ordenou a alguns dos seus, que eram menos conhecidos e dos quais a maior parte era constituída de profanos e não se importava de se purificar, que escondessem as espadas sob as vestes e se misturassem com os que iam ao Templo. Apenas lá entraram, tiraram os mantos e se apresentaram armados; suscitou-se imediatamente perturbação e tumulto, e, ante tal estupefação o povo pensou que era um atentado contra ele; mas os do partido de Eleazar compreenderam que era a eles que se visava. Os que estavam encarregados da guarda das portas, abandonaram-nas; outros, sem ousar colocar-se na defensiva, desceram dos lugares que haviam fortificado para se esconder nos esgotos, e o povo, que se havia retirado para junto do altar e em redor do Templo, era calcado sob os pés, feridos a pauladas, e muitos foram mortos à espada. Aqueles assassinos tomavam como pretexto vingar-se dos inimigos que eram do partido contrário; era suficiente ter ofendido a qualquer um deles, para não poder evitar a morte. Depois de assim se terem apoderado da parte interior do Templo, os três partidos ficaram reduzidos somente a dois, e João continuou mais atrevidamente ainda a fazer guerra a Simão".[21]

•••••

> "Então, vi e ouvi uma águia que, voando pelo meio do céu, dizia em grande voz: Ai! Ai! Ai dos que moram na terra, por causa das restantes vozes da trombeta dos três anjos que ainda têm de tocar!"
> (Apocalipse 8:13)

A águia era o emblema do exército romano, e o fato dela voar no meio do céu, significa que os romanos estavam prontos e famintos para pegar a sua presa, os judeus. Aqui se cumprem as palavras de Jesus que dizem: "Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres" (Mateus 24:28). "Na verdade, trata-se de um provérbio muito popular nos dias de Jesus, cujo significado real é "Onde houver motivos para juízo, aí haverá juízo". Neste caso, Jerusalém e os judeus seriam os cadáveres que teriam atraído as águias romanas (os abutres eram considerados uma espécie de águia). Isso também é profetizado por Oséias, que diz: "Põe a trombeta à tua boca. Ele vem como a águia contra a casa do Senhor, porque transgrediram a minha aliança, e se rebelaram contra a minha lei" (Os.8:1). Não era por coincidência que a insígnia romana gravada nos escudos e estandartes do seu exército era uma águia".[22]

Capítulo 3
Apocalipse 9-11 – os gafanhotos e as duas testemunhas

> "O quinto anjo tocou a trombeta, e vi uma estrela caída do céu na terra. E foi-lhe dada a chave do poço do abismo.
>
> Ela abriu o poço do abismo, e subiu fumaça do poço como fumaça de grande fornalha, e, com a fumaceira saída do poço, escureceu-se o sol e o ar.
>
> Também da fumaça saíram gafanhotos para a terra; e foi-lhes dado poder como o que têm os escorpiões da terra, e foi-lhes dito que não causassem dano à erva da terra, nem a qualquer coisa verde, nem a árvore alguma e tão-somente aos homens que não têm o selo de Deus sobre a fronte.
>
> Foi-lhes também dado, não que os matassem, e sim que os atormentassem durante cinco meses. E o seu tormento era como tormento de escorpião quando fere alguém.
>
> Naqueles dias, os homens buscarão a morte e não a acharão; também terão ardente desejo de morrer, mas a morte fugirá deles".
>
> (Apocalipse 9:1-6)

A ideia da morte fugir dos homens nos dias do cerco a Jerusalém, foi por João retirada do Antigo Testamento:

"Por que se concede luz ao miserável e vida aos amargurados de ânimo, que esperam a morte, e ela não vem? Eles cavam em procura dela mais do que tesouros ocultos.

Eles se regozijariam por um túmulo e exultariam se achassem a sepultura".

(Jó 3:20-22)

Portanto, o que João profetiza em Apocalipse não se trata de um literalismo em que a morte realmente fugiria dos homens, mas de um estado de angústia tão terrível em que os homens não conseguem alcançar o suicídio para aliviar as suas dores. Os cinco meses é o período, desde maio até setembro, quando os gafanhotos começam aparecer. Após os judeus serem torturados pela opressão romana - sem encontrar a morte – eles são alvos da matança. Josefo relatou muito esse período:

"Aqueles monstros de impiedade, no começo, enterravam os mortos à custa do poder público, para se livrar do mau cheiro. Mas não podendo mais fazê-lo, jogavam-nos por cima do muro, ao fundo dos vales. O horror que Tito sentiu por vê-los, quando deu a volta a toda a praça e o estranho fedor do apodrecimento dos cadáveres, fê-lo soltar um profundo suspiro; ele elevou suas mãos para o céu e tomou a Deus por testemunha de que não era culpado de tudo aquilo. Este é o estado mais que deplorável de tão infeliz e miserável cidade".[23]

"Jamais poderia fazê-lo, se tivesse querido relatar em particular todos os males que sobrevieram durante esse cerco, mas poder-se-á julgar, a esse respeito, pelo pouco que vou dizer: Maneu, filho de Lázaro, depois de ter fugido para junto de Tito, disse-lhe que desde o dia catorze de abril até primeiro de julho, haviam passado cento e quinze mil oitocentos e oitenta corpos de mortos, pela porta onde ele estava de guarda e, entretanto, apenas havia contado aqueles, dos quais era obrigado a saber o número, por causa de uma distribuição pública de que estava encarregado. Quanto aos outros, os parentes tinham o cuidado de enterrá-los, isto é, de levá-los para fora da cidade, pois era apenas isso a sepultura que se lhes dava. Outros

> fugitivos, que eram pessoas da nobreza, afirmaram que o número dos pobres que tinham sido levados desse modo para fora da cidade, não era inferior a seiscentos mil. O dos outros, era incrível. E como por fim não se podiam transportar tantos corpos, era-se obrigado a lançá-los em grandes casas, das quais se fechavam as portas. Um pacote de trigo valia um talento, e depois da construção do muro que rodeava toda a cidade, os pobres, não podendo mais sair para procurar ervas, tinham sido reduzidos a tal extremo, que iam mesmo nos esgotos, procurar velho esterco de boi para comer e outras imundícies cuja vista somente causa horror. Os romanos não puderam ouvir falar de tantas misérias sem se sentir movidos à compaixão. Mas os revoltosos tudo viam sem se arrepender, de lhes terem eles sido a causa, porque Deus os cegava de tal modo, que eles não viam o precipício em que iam cair com toda aquela desgraçada cidade".[24]

A ideia de tormento de "gafanhotos" por cinco meses, sem que os judeus fossem mortos, era a oportunidade que os exércitos romanos de Tito deram aos judeus para se renderem. O fato da morte fugir dos judeus incrédulos mostra que as pessoas morreram de fome dentro da cidade, desejando que cedo ou tarde a morte chegasse, sem o subterfúgio do suicídio. A descrição dos gafanhotos no versículo 7 é uma descrição precisa dos exércitos romanos de Tito. Os soldados romanos andavam em Legiões como nuvens de gafanhoto. "Cada legião romana completa tinha um efetivo de 5.000 a 6.000 soldados engajados por contrato. Disciplinados e bem treinados, os legionários eram subdivididos em dez coortes (500 a 600 homens). Estas por sua vez eram divididas em centúrias, e estas em decúrias. Sendo em princípio, cada legião possuía 10 coortes; 4 legiões formavam um exército consular. Cada legião contava com as alas de Cavalaria (teoricamente uns 300 cavaleiros, muitos destes estrangeiros), um corpo de besteiros, além das tropas auxiliares, os vexillatos".[25]

Observe a ilustração da imagem abaixo e veja que as características dos gafanhotos eram semelhantes às roupagens dos Soldados Romanos:

Imagem: Cris Macabeus.[26]

•••••

> "...tinham ainda cauda, como escorpiões, e ferrão; na cauda tinham poder para causar dano aos homens, por cinco meses...".

Outra semelhança encontramos na cauda de escorpiões. O exército romano tinha uma arma chamada "Arma Scorpio" que seria uma espécie de "ponto-cinquenta" romana. "Similar a uma besta medieval ampliada, o Scorpio (escorpião) disparava flechas de ponta de ferro de 70 cm ou balas de chumbo. Era usada do mesmo modo que as metralhadoras atuais, para fogo de apoio e supressão. Seu alcance chegava a 370 metros e podia ser operada por um ou dois homens. Algumas eram equipadas com um carregador de flechas, sendo capazes de tiro rápido. Era uma arma de trajetória tensa, rápida, precisa e mortal".[27]

Observe a imagem abaixo:

Imagem: Cris Macabeus.[28]

.....

Os quatro anjos que se encontram atados junto ao grande rio Eufrates

> "O sexto anjo tocou a trombeta, e ouvi uma voz procedente dos quatro ângulos do altar de ouro que se encontra na presença de Deus, dizendo ao sexto anjo, o mesmo que tem a trombeta: **Solta os quatro anjos que se encontram atados junto ao grande rio Eufrates.**
>
> Foram, então, soltos os quatro anjos que se achavam preparados para a hora, o dia, o mês e o ano, para que matassem a terça parte dos homens".
>
> (Apocalipse 9:13-15 – o grifo é meu)

Mais uma vez Josefo nos impressiona! Ele fala algo a respeito da guarnição do rio Eufrates, usada para atacar Jerusalém:

> "Tito ordenou à quinta legião que marchasse, passando por Emaús; à décima, que passasse por Jericó, e se pôs em marcha, com as outras duas, os socorros dos reis, mais fortes do que haviam sido até então, e com um grande número de sírios. Para substituir os homens que Vespasiano tinha tirado daquelas quatro legiões e feito passar à Itália, sob o comando de Múcio, ele se serviu de uma parte dos dois mil homens escolhidos no exército de Alexandria, que ele tinha levado consigo, **três mil outros vinham ao longo do Eufrates** e Tibério Alexandre os seguia".[29]

Outra tradução sugere "seguiu-o também três mil **daqueles que GUARDAVAM** o rio Eufrates". A profecia para que "os quatro anjos" atados junto ao grande rio Eufrates matassem a terça parte dos homens, cumpriu-se à risca:

> "Foram feitos prisioneiros durante esta guerra noventa e sete mil homens e o assédio de Jerusalém custou a vida a um milhão e cem mil homens, dos quais a maior parte, embora judeus de nascimento, não eram nascidos na Judéia, mas lá se encontravam de todas as províncias para festejar a Páscoa e haviam ficado presos na cidade por causa da guerra. Como não havia lugar para acomodá-los a todos, sobreveio a peste e logo em seguida a carestia".[30]

Segundo alguns estudiosos, naquela época, o número total de judeus no mundo era de cerca de três milhões. Um terço deles pereceu entre os anos 66 a 70 d.C., ou seja, os soldados romanos que vinham ao longo do grande rio Eufrates mataram "a terça parte dos homens".

As Duas testemunhas de Apocalipse 11

> "Darei às minhas duas testemunhas que profetizem por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco".
>
> (Apocalipse 11:3)

Porque duas testemunhas? Como no Apocalipse Deus está se divorciando de Israel, e o entregando a morte por causa de seu adultério, a Lei de Moisés exigia duas testemunhas:

> "Uma só testemunha não se levantará contra alguém por qualquer iniqüidade ou por qualquer pecado, seja qual for que cometer; pelo depoimento de duas ou três testemunhas, se estabelecerá o fato".
>
> (Deuteronômio 19:15)

Quem são as duas testemunhas? Não se trata de duas pessoas apenas, nem de Moisés e nem de Elias, como sugerem alguns intérpretes. Quando Deus instituiu suas leis para a nação de Israel, Ele de antemão estabeleceu duas testemunhas de seu pacto:

> "Hoje **tomo por testemunhas contra vós** o **CÉU** e a **TERRA**, que certamente logo perecereis da terra, a qual passais o Jordão para a possuir; não prolongareis os vossos dias nela, antes sereis de todo destruídos".
>
> (Deuteronômio 4:26 – o grifo é meu)

> "Os **CÉUS** e a **TERRA tomo hoje por testemunhas contra vós**, de que te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe pois a vida, para que vivas, tu e a tua descendência, Amando ao Senhor teu Deus, dando ouvidos à sua voz, e achegando-te a ele; pois ele é a tua vida, e o prolongamento dos teus dias; para que fiques na terra que o Senhor jurou a teus pais, a Abraão, a Isaque, e a Jacó, que lhes havia de dar".
>
> (Deuteronômio 30:19-20 – o grifo é meu)

> "Inclinai os ouvidos, ó céus, e falarei; e ouça a terra as palavras da minha boca".
>
> (Deuteronômio 32:1)

Não vou entrar em detalhes sobre este assunto, mas sabemos que os céus físicos e a terra não têm ouvidos. Quando Moisés falou para os céus e a terra, ele estava se dirigindo ao povo de Deus. Ele está falando

com Israel. Moisés trata Israel como o "céu" e a "terra" de Deus. Eles eram o Seu povo da Aliança. Portanto, as duas testemunhas foram o remanescente fiel de Israel, tanto os judeus do Antigo Testamento, como os judeus e gentios mártires do Novo Testamento. Não vou entrar a fundo no assunto sobre as duas testemunhas, mas peço ao leitor que leia meu e-book *"Comentário Preterista sobre o Apocalipse"* indicado no tópico *"Obras Importantes para Pesquisa"* no fim deste e-book. A morte das duas testemunhas e a contemplação de seus cadáveres, não dando-lhes um enterro digno (Apocalipse 11:9-10) tem um paralelo interessante nos escritos de Josefo:

> "Níger Peraita, que se havia distinguido por tantos feitos de valor na guerra contra os romanos, experimentou também os efeitos da raiva desses homens furiosos. Embora lhes mostrasse as feridas recebidas na defesa de sua pátria comum e lhes falasse de suas benemerências e dos serviços prestados, não deixaram de arrastá-lo vergonhosamente pela cidade. Quando depois de o terem levado para fora das portas, ele viu que não lhe restava mais nenhuma esperança de salvação, rogou-lhes que lhe **prometessem pelo menos enterrá-lo. Mas até isso eles recusaram.** Então, antes de morrer sob seus golpes, fez imprecações contra eles, almejando que os romanos fossem os vingadores do seu sangue e que a carestia, a guerra, a peste e uma divisão mortal enchesse a medida dos castigos que merecia a enormidade de seus crimes.
>
> A justiça de Deus não tardou mesmo, para fustigar àqueles ímpios sob todos os flagelos e para seu castigo, em lhes mandar estranha divisão, que pôs em seu meio".[31]
>
> (o grifo é meu)

Uma vez que as "duas testemunhas" representam todo o corpo de crentes, tanto judeus como gentios, não vejo porque não acrescentar aqui uma testemunha que pode sim fazer parte desse corpo de testemunhas, cujo discurso contra Jerusalém foi importante naqueles dias. Essa testemunha é Jesus, filho de Anano. Creio que ele, a semelhança dos cristãos, foi muito importante no testemunho e advertência naqueles dias que antecediam a guerra romana-judaica. A

seguir, vou colocar pequenos trechos do que Josefo escreveu sobre Jesus, filho de Anano, sempre com um comentário meu na sequência:

> "Quatro anos antes do começo da guerra, quando Jerusalém gozava ainda de profunda paz e de fartura, Jesus, filho de Anano, que era então um simples camponês, tendo vindo à festa dos Tabernáculos, que se celebra todos os anos no Templo, em honra de Deus, exclamou: "Voz do lado do oriente, voz do lado do ocidente, voz do lado dos quatro ventos, voz contra Jerusalém e contra o Templo, voz contra os recém-casados e as recém-casadas, voz contra todo o povo". Dia e noite ele corria por toda a cidade, repetindo a mesma coisa".

Comentário:

Esse agricultor ou fazendeiro chamado Jesus, filho de Anano, que assombrava Israel com poderosas advertências sobre o destino iminente de Jerusalém antes da chegada do exército romano, tem muitas semelhanças com o testemunho do Senhor Jesus Cristo. A primeira semelhança começa com o nome "Jesus". Como nosso Senhor Jesus Cristo, Jesus, filho de Anano, é visto pregando por um período de três anos e meio. O ministério de Jesus também durou três anos e meio. A ideia de "voz dos quatro ventos" encontra eco em Apocalipse 7:1-3 e implica que o julgamento que em breve aconteceria em Jerusalém no Apocalipse passaria pela libertação dos quatro ventos.

Como nosso Senhor Jesus Cristo, a lamentação profética de Jesus, filho de Anano, é bem esclarecida por Jeremias (Jeremias 7:34). Outro paralelo impressionante das palavras de Cristo com as de Jesus, filho de Anano, é em relação a advertência aos recém casados, quando disse: *"voz contra os recém-casados e as recém-casadas"*. Os recém-casados indicam que posteriormente as esposas ficarão grávidas, e é justamente a respeito delas que o Senhor advertiu em Mateus 24:19-20: *"Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Orai para que a vossa fuga não se dê no inverno, nem no sábado..."*. A fuga de Jerusalém seria muito mais difícil para uma grávida ou para mulheres com crianças pequenas.

"Algumas pessoas de condição, não podendo compreender essas palavras de tão mau presságio, mandaram prendê-lo e vergastá-lo; mas ele não disse uma só palavra para se defender, nem para se queixar de tão severo castigo e repetia sempre as mesmas coisas. Os magistrados, então, pensando, como era verdade, que naquilo havia algo de divino, levaram-no a Albino, governador da Judéia. Ele mandou açoitá-lo até verter sangue e nem assim conseguiram arrancar-lhe um único rogo, nem uma só lágrima, mas a cada golpe que se lhe dava, ele repetia com voz queixosa e dolorida: "desgraça sobre Jerusalém". Quando Albino lhe perguntou quem ele era, de onde era, o que o fazia falar daquela maneira, ele nada respondeu. Assim despediu-o como um louco e não o viram falar com ninguém, até que a guerra começou. Ele repetia somente e sem cessar, as mesmas palavras: "Desgraça, desgraça sobre Jerusalém", sem injuriar nem ofender aos que o maltratavam, nem agradecer aos que lhe davam de comer".

Comentário:

Outra semelhança com Cristo e suas palavras e ações é que Jesus, filho de Anano, agiu da seguinte forma: *"mas ele não disse uma só palavra para se defender, nem para se queixar de tão severo castigo"* e também: *"sem injuriar nem ofender aos que o maltratavam..."*. Sobre o Senhor Jesus, Isaías 53:7 diz que *"Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca..."*. Do mesmo que Cristo em João 11:47-53, Jesus, filho de Anano, foi odiado pelas elites religiosas como afirma Josefo: *"Algumas pessoas de condição, não podendo compreender essas palavras de tão mau presságio, mandaram prendê-lo e vergastá-lo"*.

"Todas as suas palavras reduziam-se a tão triste presságio e as proferia com uma voz mais forte nos dias de festa. Dessa forma continuou durante sete anos e cinco meses, sem interrupção alguma, sem que sua voz se enfraquecesse ou se tornasse rouca. Quando Jerusalém foi cercada viu-se o efeito de suas predições. Fazendo então a volta às muralhas da cidade, ele se pôs ainda a clamar:

> "Desgraça, desgraça sobre a cidade, desgraça sobre o povo, desgraça sobre o Templo". Tendo acrescentado "desgraça sobre mim", uma pedra atirada por uma máquina, derrubou-o por terra e ele expirou proferindo ainda as mesmas palavras".[32]

Comentário:

Assim como o Senhor Jesus Cristo, Jesus, filho de Anano, morreu na Páscoa, no início do cerco a Jerusalém. Ele, de fato, morreu na "última hora", frase esta que na Bíblia às vezes se refere ao fim da "era judaica" ou "idade". O apóstolo João escreveu que em seu tempo eles estavam vivendo a "última hora" (1 João 2:18).

Capítulo 4
Apocalipse 12 – os cristãos fogem para a cidade de Pella

"Em outras palavras, antes que a guerra dos judeus alcance e subjugue Jerusalém, Deus, providencialmente, proporciona rápida cessação de hostilidades, permitindo aos judeus cristãos na Judéia escapar (como Jesus deseja em Mt. 24.16-22). Isso aconteceu quando o imperador Nero se matou (68 d.C.), fazendo os generais romanos Vespasiano e Tito cessar as operações e bater em retirada por um ano devido ao tumulto em Roma. Sabemos mediante os pais da igreja Eusébio e Epifânio que os cristãos fugiram para Pella antes da guerra subjugar Jerusalém (Eusébio, História eclesiástica 3.5.3; Epifânio, Heresies 29.7).[33]

•••••

Então, saiu do santuário, que se encontra no céu, outro anjo, tendo ele mesmo também uma foice afiada.

Saiu ainda do altar outro anjo, aquele que tem autoridade sobre o fogo, e falou em grande voz ao que tinha a foice afiada, dizendo: Toma a tua foice afiada e ajunta os cachos da videira da terra, porquanto as suas uvas estão amadurecidas!

Então, o anjo passou a sua foice na terra, e vindimou a videira da terra, e lançou-a no grande lagar da cólera de Deus.

> E o lagar foi pisado **FORA DA CIDADE**, e correu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, numa extensão de mil e seiscentos estádios.
>
> (Apocalipse 14:17-20 – o grifo é meu)

A frase "fora da cidade" nos dá a pista que João está descrevendo o que aconteceu quando alguns dos judeus desertaram perto do final da guerra. Sobre isto, Josefo escreveu:

> "**Uma parte dos que fugiam de Jerusalém, para se salvar, lançavam-se por cima das muralhas**; outros tomavam pedras, com o pretexto de querer se servir delas contra os romanos e em seguida passavam para o seu lado. Mas depois de terem evitado um grande mal, caíam num outro ainda maior, porque o alimento que tomavam dava-lhes uma morte mais rápida do que a que a fome lhes causava. Estando inchados e hidrópicos, comiam com tanta avidez, para encher o estômago vazio, que faziam a natureza desfalecer, e rebentavam, quase no mesmo instante. Os mais sensatos, ante esses exemplos, evitavam tal inconveniente, comendo por vez, para acostumar de novo o estômago, às suas forças ordinárias. Mas então encontravam-se num estado ainda mais deplorável que antes. Vimos como muitos que, querendo se salvar, engoliram ouro, de que havia na cidade uma grande quantidade e o que valia antes vinte e cinco áticos, então valia somente doze.
>
> Aconteceu que um desses fugitivos foi surpreendido no quarteirão dos sírios, quando procurava naquilo de que a natureza o obrigava a se desfazer, o ouro que tinha engolido; a notícia correu imediatamente por todo o acampamento de que os fugitivos tinham o corpo cheio de ouro. Vários então dos sírios e dos árabes começaram a abrir o ventre dos prisioneiros para procurar nas suas entranhas o metal com que queriam satisfazer à sua abominável ambição, o que penso ser a mais horrível de todas as crueldades, que jamais os judeus tiveram de sofrer, por maiores e mais estranhas que tenham sido as outras; numa só noite, dois mil terminaram sua vida desse modo".[34]

“E a grande cidade se dividiu em três partes...”

> “E a grande cidade se dividiu em três partes, e caíram as cidades das nações. E lembrou-se Deus da grande Babilônia para dar-lhe o cálice do vinho do furor da sua ira”.
>
> (Apocalipse 16:19)

“A declaração de que a grande cidade foi dividida em três partes, pode referir-se aos métodos utilizados por Tito na destruição de Jerusalém; quebrando a cidade em lugares diferentes e cortando os rebeldes em três partes. Ou, possivelmente, refere-se às divisões internas dentro da cidade durante a guerra. Isso se refere à divisão em três facções, que se tornou algo agudo após o regresso de Tito. Enquanto Tito estava cercando-a de fora, os três líderes das facções rivais lutavam ferozmente dentro da cidade...”.[35]

“O flagelo da chuva de pedras...”

> “...também desabou do céu sobre os homens grande saraivada, **com pedras que pesavam cerca de um talento**; e, por causa do flagelo da chuva de pedras, os homens blasfemaram de Deus, porquanto o seu flagelo era sobremodo grande”.
>
> (Apocalipse 16:21 – o grifo é meu)

Acredito que quem conhece a obra de Josefo, quando lê os versos acima, rapidamente irá perguntar se Josefo havia lido o Apocalipse antes de escrever suas à “Guerras dos judeus”. A seguir, veja os detalhes grifados e os paralelos surpreendentes:

> “As da décima segunda legião eram as mais temíveis: as pedras que lançavam eram maiores que as outras, e iam tão longe que não somente derribavam os que faziam as incursões, mas iam matar

> mesmo junto dos muros e das defesas da cidade àqueles que lá estavam para defendê-la. As **menores dessas pedras pesavam pelo menos um talento**; seu alcance era de dois estádios e ainda mais, e sua força era tão grande, que depois de ter derribado os que estavam nas primeiras filas, matava ainda outros atrás deles. Mas frequentemente os judeus as evitavam, tanto por causa do ruído que faziam como por sua alvura, o que lhes dava meios de evitar o perigo, porque haviam colocado vigias sobre as terras, os quais logo que as máquinas começavam a funcionar, eles os avisavam, gritando-lhes em hebraico: ***O filho vem e toma tal caminho***. A esse sinal eles se lançavam por terra e as pedras passavam além, sem lhes fazer mal. Os romanos, tendo-o notado, mandaram pintar as máquinas de uma cor escura, o que lhes valeu muito, pois uma só pedra matava quase sempre muitos judeus. Mas nenhum perigo esfriava-lhes o ardor e a perseverança em atrapalhar os trabalhos dos romanos, e tudo eles faziam tanto de noite como de dia, para lhes retardar a obra".[36]

Além do peso da pedra ser semelhante em Apocalipse e no livro de Josefo, temos também as blasfêmias dos homens. João escreveu que "os homens blasfemaram de Deus, porquanto o seu flagelo era sobremodo grande", Josefo, por sua vez, escreveu que os judeus diziam para as pedras voadoras: "o filho vem e toma tal caminho". Isto de fato é uma blasfêmia contra Deus. Sobre essa blasfêmia dos judeus, Stuart Russell escreveu algo interessante:

> "Não podia deixar de ser bem conhecido entre os judeus que a grande esperança e fé dos cristãos era a vinda rápida do Filho. Foi nessa mesma época, de acordo com Hegesippus, que São Tiago, o irmão de nosso Senhor, testemunhou publicamente no templo que "o Filho do homem estava prestes a vir sobre as nuvens do céu", e depois selou seu testemunho com o seu sangue. Parece altamente provável que os judeus, em sua blasfêmia desafiante e desesperada, quando viram a massa branca voando pelo ar, levantaram o grito irreverente, 'O Filho está chegando', em paródia da esperança cristã da Parousia [vinda], a que eles podem traçar uma semelhança ridícula na aparência estranha do projétil".[37]

Capítulo 5
Apocalipse 21-22 – o novo céu e a nova terra

Na destruição de Jerusalém no ano 70 d.C., a Antiga Aliança, considerada como um "céu e terra", acabou por passar. Foi diante do trono do justo juiz que a Antiga Aliança desapareceu, conforme Apocalipse 20:11

> "Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles".

Aqui cumprem-se as palavras de Jesus que pronunciou no Sermão profético de Mateus 24:35:

> "Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão".

A Antiga Aliança, sendo um "céu e terra", só passaria quando toda a Lei e os profetas fossem cumpridos:

> "Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir.
> Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra".
> (Mateus 5:17-18)

Agora, passado o céu e a terra (Antiga Aliança), através da destruição de todo o sistema judaico de culto, a era cristã começa como um novo céu e nova terra:

> "Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe".
>
> (Apocalipse 21:21)

Agora não há mais o mar (nações pagãs) separando a terra de Israel do restante do mundo:

> "...naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo.
>
> Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo.
>
> Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e, tendo derribado a parede da separação que estava no meio, a inimizade...".
>
> (Efésios 2:12-14)

Sob o novo Pacto, feito em Cristo, temos livre acesso direto a Deus, porque agora Ele vive entre nós:

> "Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles".
>
> (Apocalipse 21:3)

Neste exato momento, conforme a Sua promessa, já estamos habitando na Nova Jerusalém:

> "Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembléia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, e a Jesus, o

> Mediador da nova aliança, e ao sangue da aspersão que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel".
>
> (Hebreus 12:22-24)

A partir da criação do novo céu e da nova terra, caminhamos rumo a plenitude, até o dia em que todas as nações se converterão ao Filho de Deus (Salmos 22:27-31):

> "Lembrar-se-ão do SENHOR e a ele se converterão os confins da terra; perante ele se prostrarão todas as famílias das nações.
>
> Pois do SENHOR é o reino, é ele quem governa as nações.
>
> Todos os opulentos da terra hão de comer e adorar, e todos os que descem ao pó se prostrarão perante ele, até aquele que não pode preservar a própria vida.
>
> A posteridade o servirá; falar-se-á do Senhor à geração vindoura.
>
> Hão de vir anunciar a justiça dele; ao povo que há de nascer, contarão que foi ele quem o fez".

É por isto que em Apocalipse 21:24, 26 diz que "as nações andarão mediante a sua luz, e os reis da terra lhe trazem a sua glória. E lhe trarão a glória e a honra das nações". Embora Roma tenha sido jugada e o Império caiu, os romanos não só destruíram a Antiga Aliança, como posteriormente também foram representativos das nações, sendo os primeiros dos reis da terra a usufruírem da Nova Jerusalém. Apesar de todos os defeitos e controvérsias, a história mostra que o mundo foi "cristianizado" pelo imperador romano Constantino em 313 e seu Edito de Milão. É por causa da incredulidade e ensinamentos falsos, que muitos cristãos hoje não veem e não experimentam as maravilhas da Nova Jerusalém.

A Antiga Aliança desapareceu debaixo de acontecimentos sobrenaturais. Vimos isso nas referências deixadas por Josefo, as quais Deus preservou para nosso estudo e entendimento. O que Jesus disse que aconteceria, Josefo descreveu minuciosamente em detalhes. O Senhor disse que antes da queda de Jerusalém aconteceria "coisas espantosas" e "grandes sinais do céu" (Lucas 21:11). Josefo confirma essas palavras:

“"Este povo infeliz era, na ocasião, explorado por enganadores e indivíduos que mentirosamente se declaravam enviados de Deus, já que não prestava atenção nem fé aos prodígios que anunciavam a devastação que estava para vir: como se tivesse sido abalado por um trovão e se encontrasse privado de olhos e de entendimento, o povo não levava absolutamente em conta as advertências divinas. Assim transcorriam as coisas até que um astro com forma de sabre se posicionou em cima da cidade, quando um cometa persistiu em brilhar durante um ano; o mesmo aconteceu antes da revolta e do levante que levaram à guerra, quando, estando o povo reunido para a festa dos Ázimos, no dia oito do mês Xântico*, à nona hora da noite, uma luz tão intensa brilhou em torno do altar e do Santuário, que se pensava estar em pleno dia; e ela se prolongou por meia hora. Isso pareceu de bom presságio para os ignorantes, mas os especialistas nas santas Escrituras interpretaram o fato imediatamente de acordo com os acontecimentos futuros.

Durante a mesma festa, uma vaca, trazida por alguém para o sacrifício, abateu um cordeiro bem no meio do Templo. Além disso, a porta oriental do pátio interior, que era de bronze e totalmente maciço, que vinte homens fechavam à noite com dificuldade, que estava solidamente fixada por meio de barras de madeira cercadas de ferro, que tinha ferrolhos profundamente presos no chão, que consistia de uma pedra de um só bloco, foi vista à sexta hora da noite abrir-se sozinha. Os guardas do Templo correram para anunciar a notícia a seu oficial, que subiu e só conseguiu fechá-la com grande esforço. Mais uma vez esse prodígio pareceu excelente aos profanos, pois pensavam que Deus lhes havia aberto a porta da felicidade, mas os doutos compreenderam que era a segurança do Templo que se havia desfeito por si mesma, que o fato de a porta ter-se aberto constituía ótimo presente para os inimigos, e consigo mesmos interpretaram esse presságio como anunciador da devastação.

Poucos dias depois da festa, no dia vinte e um do mês de Artemísio*, uma aparição miraculosa foi percebida, ultrapassando os limites do crível; e o que vou relatar — pelo menos assim o penso — pareceria uma fanfarronada se já não houvesse sido contado por

> testemunhas oculares e se as desgraças que se seguiram não merecessem ser relacionadas com tais presságios. Com efeito, antes do pôr-do-sol, viram-se nos ares por todos os lugares em cima do país carros de guerra e falanges armadas lançando-se através das nuvens e cercando as cidades. Além disso, durante a festa chamada Pentecostes, os sacerdotes, ao entrarem à noite no pátio interior do Templo, como é seu hábito para o serviço do culto, perceberam, de acordo com o relato que fizeram, um abalo e um alarido e, depois, a voz de uma multidão que dizia: "Saiamos daqui!"[38]

O Senhor falou que a guerra contra Jerusalém seria uma "grande tribulação":

> "...porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais".
> (Mateus 24:21)

Josefo foi testemunha ocular dessa tribulação:

> "De todas as guerras que se travaram, quer de cidade contra cidade, quer de nação contra nação, o nosso século ainda não viu outra tão grande — e não sabemos que tenha havido outra semelhante — como a que os judeus sustentaram contra os romanos.[39]

Conclusão

Eu poderia ter escrito muito mais coisas sobre os paralelos entre o Apocalipse e a obra de Flávio Josefo. Eu poderia ter citado mais a fundo que tanto João como Josefo, chamam a cidade de Jerusalém de "a grande cidade". João escreveu isso em Apocalipse 17 ao falar da Grande meretriz (que é o simbolismo da cidade de Jerusalém). Todavia, creio que o que está aqui escrito foi suficiente para que o leitor possa ter um entendimento diferente em relação ao Apocalipse. Se o leitor já é um preterista, este e-book só vem acrescentar mais informações. Caso o leitor não seja um preterista, convido-o para que

possa estudar o assunto mais a fundo, pois o conteúdo aqui divulgado não esgota um assunto tão vasto como é o caso do Preterismo Parcial. Afim de que não se crie equívocos na interpretação deste e-book, caso não seja um preterista, incentivo o leitor a procurar nas próximas páginas o tópico *"Obras Importantes para Pesquisa"*.

Bibliografia

1. The Revelation of Flavius Josephus, pg. 4. By Geoff Wright. Estudo disponível para venda no site: www.amazon.com

2. Idem nº 1, pág. 7.

3. O Apocalipse para leigos — você pode entender a profecia bíblica — , pág. 31. Kenneth L. Gentry Jr., Th.D. Editora Monergismo. Versão eletrônica Kindle.

4. História dos Hebreus – De Abraão à queda de Jerusalém – Obra Completa, pág. 2284. 24ª Impressão: Outubro 2013 - Tiragem 5.000. Copyright © 1990 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus.

5. LIVRO V, 70 dC (Publius Cornelius Tacitus 55 À 120 D.C.). Site: www.preteristarchive.com/Rome/ Link: P. Cornelius Tacitus - Annals (109, 1904 Edition) Acessado dia 01/06/2015

6. Revista "Notícias de Israel", pg. 7, Ano 28 - Nº 6, Junho de 2006. Site: www.chamada.com.br

7. Idem nº 6, pág. 8.

8. Idem nº 3, pág. 17.

9. Idem nº 3, pág. 17.

10. Idem nº 4, pág. 282.

11. Idem nº 4, pág. 2221.

12. Idem nº 4, pág. 1890.

13. História dos Hebreus - De Abraão à queda de Jerusalém - Obra Completa – Por Flávio Josefo - Livro 4 - Capítulo 19, pg. 1245. 28ª impressão: 2016. Editora CPAD

14. Cristo errou sobre a morte de Zacarias ou profetizou sobre ela? César Francisco Raymundo. Revista Cristã Última Chamada. Site: www.revistacrista.org/Profecia_zacarias_morto_no_templo_equivoco_de_cristo.html Acessado Sexta-feira, 13 de Outubro de 2017

15. Idem nº 4, pág. 2284.

16. Livro: Back to the Future (A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 213. Autor: Ralph E. Bass, Jr. Living Hope Press - Greenville, SC.

17. A História dos Hebreus, pg. 1382. (e-book disponível na internet) Autor: Flávio Josefo. Casa Publicadora das Assembléias de Deus 8ª edição: 2004

18. Idem nº 4, pág. 1865.

19. Idem nº 4, pág. 1865.

20. Idem nº 4, pág. 2121.

21. Idem nº 4, pág. 2136.

22. Predições de Cristo. Revista Cristã Última Chamada. Dezembro de 2011, pg. 14. Site: www.revistacrista.org

23. Idem nº 4, pág. 2209.

24. Idem nº 4, pág. 2221.

25. Os Gafanhotos (Escorpiões) do Abismo. Autor: Cris Macabeus. Site: www.macabeus.no.comunidades.net Acessado dia 06 de Maio de 2015

26. Idem nº 25.

27. Idem nº 25.

28. Idem nº 25.

29. Idem nº 4, pág. 2126.

30. Idem nº 4, pág. 2309.

31. Idem nº 4, pág. 2062.

32. Idem nº 4, pág. 2285.

33. OS 144MIL SELADOS (Ap. 7). Por Rev. Kenneth L. Gentry, Jr. Fonte: Apocalipse, C. Marvin Pate (organizador), Editora Vida, p. 58-60.5. Site: www.monergismo.com

34. Idem nº 4, pág. 2217.

35. Idem nº 16, pág. 346.

36. Idem nº 4, pág. 2162.

37. J. Stuart Russell, The Parousia, 482.

38. Flávio Josefo - Uma testemunha do tempo dos apóstolos -, pg. 46. Documentos do mundo da Bíblia. Editora Paulus.

39. Idem nº 4, pág. 110.

Obras importantes para pesquisa

A Segunda Vinda de Cristo: Sem Ficção, Sem Fantasia!
Compilação de César Francisco Raymundo, 172 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista007.htm

A Ressurreição de Jesus Cristo
– é Ficção ou Fato Histórico Irrefutável? –
César Francisco Raymundo, 35 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista011.htm

A Escatologia pode ser Verde?
Rev. Dr. Ernest C. Lucas, 29 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista013.htm

A Grande Tribulação
David Chilton, 148 páginas.
Link:
www.revistacrista.org/literatura_A%20Grande%20Tribulacao_David_Chilton.htm

A Verdade sobre o Preterismo Parcial
César Francisco Raymundo, 77 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista015.htm

A Ilusão Pré-Milenista
- O Quiliasmo analisado à luz das Escrituras -
Brian Schwertley, 76 páginas.
Link:

Comentário Preterista sobre o Apocalipse
– Volume Único –
César Francisco Raymundo, 533 páginas.

Link:
www.revistacrista.org/literatura_Comentario_Preterista_sobre_o_Apocalipse_Volume_Unico.html

Cristo Desceu ao Inferno?
Heber Carlos de Campos, 46 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista016.htm

Crítica do Preterismo Completo
Philip G. Kaiser, 27 páginas.
Link:
www.revistacrista.org/literatura_Critica%20do%20Preterismo%20Completo.htm

Dicionário Michaelis
http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/

Heresias do Preterismo Completo
César Francisco Raymundo, 56 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista014.htm

Dispensacionalismo

Desmascarando o Dogma Dispensacionalista
Hank Hanegraaff, 49 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista020.htm

Uma Refutação Bíblica ao Dispensacionalismo
Arthur W. Pink, 42 páginas.
Link:
www.revistacrista.org/literatura_Dispensacionalismo_Arthur_Pink.htm

Dispensacionalismo (Lista de Passagens da Escritura)
Nathan Pitchford, 29 páginas.
Link:
www.revistacrista.org/literatura_Dispensacionalismo_Lista%20de%20Passagem.htm

JESUS – A Chave Hermenêutica das Escrituras
Eric Brito Cunha, 46 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Jesus_a_Chave_Hermeneutica.htm

Léxico do Grego do Novo Testamento
Edward Robinson, 1014 páginas.
Tradução: Paulo Sérgio Gomes.
Edição em língua portuguesa © 2012
por Casa Publicadora das Assembleias de Deus.

Todos os direitos reservados.

Mateus 24 e a Vinda de Cristo
César Francisco Raymundo, 110 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista023.html

Mateus 25 e o grande Julgamento
César Francisco Raymundo, 30 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista024.html

O Padrão Éden
Jair de Almeida, 31 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista022.html

O Universo em Colapso na Bíblia
– eventos literais ou metáfora poderosa?
Brian Godawa, 29 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista017.htm

Pós-Milenarismo PARA LEIGOS
Kenneth L. Gentry Jr., 92 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_pos_milenarismo_para_leigos.htm

Predições de Cristo
Hermes C. Fernandes
Link: www.revistacrista.org/Revista_Dezembro_de_2011.htm

Refutando o Preterismo Completo
César Francisco Raymundo, 112 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista010.htm

Sem Arrebatamento Secreto
– Um guia otimista para o fim do mundo –
Jonathan Welton, 223 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Sem%20Arrebatamento%20Secreto.htm

70 Semanas de Daniel
Kenneth L. Gentry, Jr., 35 páginas.
Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista012.htm

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal
Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298
Operação: 013
Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

Para acessar todos os artigos e escolher o tema de sua preferência, basta acessar:

www.revistacrista.org/artigos.htm

Nossos e-book´s com temas específicos podem ser encontrados neste link:

www.revistacrista.org/literatura.htm

As revistas, por ordem mensal e ano, podem ser acessadas aqui:

www.revistacrista.org/edicoes.htm

Temos também excelentes vídeos explicativos sobre escatologia, divididos em diversos temas:

www.revistacrista.org/videos.htm

Caso ainda haja dúvidas, estamos disponíveis todos os dias para servílo no endereço:

www.revistacrista.org/contato.htm

E-mails:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org